

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT04.010

## UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO E CULTURA

Gabriela Massarra Santos Heine<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho analisa criticamente as concepções de Friedrich Nietzsche sobre a educação a partir de duas obras centrais: *Escritos sobre Educação* e o trecho “Do ler e escrever”, de *Assim Falou Zaratustra*. Através da leitura desses textos, o trabalho identifica uma profunda crítica de Nietzsche ao sistema educacional de sua época, caracterizado pela massificação, pela submissão aos interesses do Estado e do mercado, e pela supressão do pensamento crítico. Para o filósofo, a educação moderna forma técnicos e burocratas, e não indivíduos criativos e autônomos. Em contraposição, ele propõe um modelo educativo voltado para a formação de “homens superiores”, guiados por educadores-filósofos, que promovam a autossuperação e a criação de novos valores. A crítica nietzschiana é também uma denúncia à cultura utilitária e superficial que afasta a educação de sua função emancipadora. Ao articular essa filosofia com o contexto educacional contemporâneo, o artigo destaca como muitos dos problemas apontados por Nietzsche, como a desvalorização do pensamento filosófico, o tecnicismo, a falta de cuidado com o ser humano integral, ainda persistem nas escolas do século XXI. Nesse sentido, a reflexão sobre a concepção nietzschiana de educação configura-se como um exercício essencial para a superação do modelo tradicional, concebido como transmissão de conteúdos, em favor de uma prática formativa voltada

1 Professora de disciplinas pedagógicas do SENAC, doutoranda e bolsista CAPES do curso de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, gabimassarra@hotmail.com

à emancipação do indivíduo, à criação de valores e à transformação profunda do espírito humano.

**Palavras-chave:** Filosofia da educação, Crítica cultural, Formação do indivíduo, Pensamento crítico.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho está fundamentado no livro *Escritos sobre Educação* e no texto *Do ler e escrever*, da obra *Assim Falou Zaratustra*, com o objetivo de identificar pontos de conexão sobre o tema da educação. Ambas as obras são de Friedrich Nietzsche, filósofo do século XIX reconhecido por suas críticas profundas à moralidade, à cultura e às instituições da sociedade ocidental. Suas reflexões sobre a educação ocupam um lugar central neste estudo, revelando não apenas sua crítica à sociedade de seu tempo, mas também suas perspectivas para o futuro da humanidade.

Nas reflexões sobre o papel da educação e do educador, Nietzsche denuncia a mediocridade intelectual das instituições de ensino, especialmente das escolas e universidades alemãs de sua época, que enxergava como instrumentos de conformidade e subordinação aos interesses do Estado e do mercado. Para ele, a educação moderna falha em sua verdadeira missão de formar seres humanos livres e criadores; ao contrário, prepara indivíduos para se tornarem técnicos e funcionários dóceis, desprovidos de potência crítica e inventiva. Em contraposição a essa decadência formativa, o filósofo propõe um modelo de educação voltado à formação de “homens superiores”, termo nietzschiano que designa aqueles que superam a conformidade e afirmam sua força criadora, sujeitos capazes de transcender as limitações impostas pela sociedade e de instaurar novos valores para a cultura. Trata-se de um ideal educativo sustentado pela filosofia, pela arte e pela reflexão crítica, orientado à autossuperação, à originalidade e à elevação espiritual, dimensões que Nietzsche considera essenciais para o pleno florescimento humano.

Nesse sentido, a educação, para Nietzsche, deve ser compreendida como um processo contínuo de autodescoberta e autotransformação, orientado por educadores excepcionais, verdadeiros filósofos e artistas, capazes de inspirar e conduzir seus discípulos na busca pela grandeza intelectual e espiritual. Sua crítica à educação, portanto, ultrapassa o campo da pedagogia e propõe uma reconfiguração radical dos valores

culturais, éticos e institucionais, visando à formação de uma nova humanidade mais criativa, autêntica e profunda.

A relevância deste estudo reside na necessidade de retomar o pensamento nietzschiano como lente crítica para compreender os desafios da educação contemporânea, marcada pelo tecnicismo, pela padronização e pela perda do sentido humano no processo de ensino. Em tempos em que o desempenho e a utilidade se sobrepõem à reflexão e à criação, revisitar Nietzsche permite repensar a educação como uma experiência estética e ética de formação integral, em que o saber se entrelaça à vida e à liberdade.

Assim, o presente artigo tem como propósito analisar as concepções de educação em Nietzsche, evidenciando sua crítica ao modelo educacional moderno e sua proposta de uma formação voltada à emancipação do sujeito e à transformação cultural. Busca-se compreender os fundamentos filosóficos de sua crítica à cultura e à educação, discutir o papel do educador-filósofo como mediador da autossuperação e do cultivo de si, e relacionar suas ideias aos desafios formativos que ainda atravessam o contexto escolar contemporâneo.

A metodologia adotada é de caráter qualitativo e bibliográfico, baseada na leitura interpretativa das obras *Escritos sobre Educação* e *Assim Falou Zaratustra*, complementadas por estudos contemporâneos no campo da filosofia da educação e da crítica cultural. A abordagem hermenêutica orienta a análise, permitindo compreender o pensamento de Nietzsche em seu contexto histórico e, simultaneamente, ressignificá-lo diante das urgências educacionais atuais.

Os resultados e discussões indicam que o pensamento nietzschiano continua provocando reflexões essenciais sobre o papel da escola e do educador, especialmente ao denunciar a massificação, a obediência cega e o esvaziamento da experiência formativa. Suas ideias apontam para a necessidade de uma educação que estimule o pensamento crítico, a criação e a liberdade, configurando-se como um ato de resistência diante das lógicas produtivistas e instrumentais que permeiam o ensino.

Por fim, esta análise conclui que a leitura de Nietzsche oferece contribuições valiosas não apenas para uma crítica da educação moderna, mas também para a construção de novos horizontes formativos. Ao compreender o conhecimento como potência de criação e não como mera reprodução, o filósofo inspira uma concepção de educação que valoriza a vida, a arte e a capacidade humana de se reinventar, caminhos indispensáveis para a formação de sujeitos éticos, livres e criadores.

## **SOBRE A ESTRUTURA DOS ESCRITOS**

O livro *Escritos sobre Educação* reúne textos de Friedrich Nietzsche organizados em três partes: *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*, *III Intempestiva: Schopenhauer como Educador* e uma seleção de fragmentos póstumos e aforismos que tratam diretamente da questão educativa. Essas obras pertencem ao período inicial de sua produção filosófica, quando lecionava na Universidade de Basileia e no *Pädagogium*, e revelam a tensão entre a prática pedagógica e a reflexão filosófica que atravessa toda a sua obra. Nesse conjunto, Nietzsche questiona o papel da cultura, o sentido da formação humana e a função social da educação, abrindo caminho para uma crítica radical à modernidade e às suas instituições.

Segundo o filósofo, o projeto cultural de seu tempo havia se transformado em um mecanismo de domesticação do espírito, moldado pelos interesses do Estado e do mercado. A educação, em vez de promover a formação do pensamento crítico, passou a servir à manutenção da ordem social e à produção de indivíduos dóceis e funcionais. A cultura moderna, para Nietzsche, é marcada por uma mediocridade disfarçada de progresso, uma barbárie cultivada que reduz o conhecimento a instrumento de ascensão social e o ensino a técnica de adestramento. Essa crítica é expressa já nas conferências de 1872, proferidas no *Akademisches Kunst-*

*museum*<sup>2</sup> de Basileia, reunidas sob o título *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*.

Nessas conferências, Nietzsche denuncia a expansão quantitativa das instituições educacionais e a conseqüente perda de profundidade intelectual. Ele observa que a educação havia se tornado uma mercadoria cultural, subordinada à lógica da produtividade. Em suas palavras:

O jornalismo é de fato a confluência das duas tendências: ampliação e redução da cultura dão aqui as mãos; o jornal substitui a cultura, e quem ainda, a título de erudito, tem pretensões à cultura, este se apoia habitualmente nesta trama de cola viscosa que cimenta as juntas de todas as formas de vida, de todas as classes sociais, de todas as artes, de todas as ciências. (NIETZSCHE, 2023, p. 76)

Ao relacionar a superficialidade jornalística à degradação da cultura, Nietzsche denuncia o predomínio da opinião sobre o pensamento, da rapidez sobre a contemplação. A “cola viscosa” mencionada na citação é uma metáfora para a homogeneização da vida intelectual moderna, incapaz de gerar singularidades criadoras. Observa-se, portanto, que o autor vê na cultura moderna uma tendência à diluição da autenticidade, à perda do vigor trágico e à substituição do saber vivo por um conhecimento utilitário e imediato.

Nesse contexto, Nietzsche vivia um momento de crise pessoal e acadêmica, refletindo sobre sua vocação docente e sobre os limites da educação institucional. Ainda assim, suas relações com os alunos e colegas eram marcadas por uma atitude profundamente pedagógica, que enxergava o ensino como forma de cultivo da alma e do pensamento. Sua crítica ao aumento do acesso à educação, que ele via como sinal da decadência cultural, não se dirige à inclusão em si, mas ao esvaziamento qualitativo da formação. O filósofo compreende que a massificação do

---

2 O *Akademisches Kunstmuseum* não deve ser confundido com um museu no sentido estrito da palavra, mas sim como o local onde ele proferiu as palestras sobre educação e cultura para um público de estudantes e intelectuais. Esse espaço reflete a atmosfera intelectual e cultural da época, sendo um ponto de convergência para discussões acadêmicas que influenciaram as ideias de Nietzsche.

ensino e a especialização extrema das ciências conduzem à perda da totalidade cultural.

De acordo com Nietzsche, a figura do especialista torna-se símbolo da decadência moderna, um “operário de fábrica”, pois representa um saber restrito e desprovido de sentido vital:

A utilização tão desejada em nossos dias do erudito a serviço de sua disciplina torna a cultura do erudito cada vez mais aleatória e inverossímil. [...] Aquele que quer produzir algo consagrar-se-á a uma especialidade muito particular e não terá qualquer preocupação com todas as outras. (NIETZSCHE, 2023, p. 75)

A crítica nietzschiana à especialização antecipa debates contemporâneos sobre a fragmentação do conhecimento e a tecnificação do pensamento. Para o filósofo, a cultura verdadeiramente formadora é aquela que articula a totalidade da experiência humana, a arte, a filosofia e a vida. Por isso, a educação que se limita à instrução ou à utilidade é incapaz de formar espíritos criadores. Nietzsche propõe, então, uma reforma radical do ideal pedagógico, defendendo que somente educadores dotados de grande cultura e sensibilidade podem guiar os jovens para uma formação autêntica, pautada pela crítica e pela liberdade de pensamento.

## SCHOPENHAUER COMO EDUCADOR

A publicação da *III Intempestiva: Schopenhauer como Educador* (1874) representa um ponto de inflexão no pensamento de Nietzsche, no qual a crítica à educação ganha uma dimensão ética e existencial mais profunda. Aqui, o filósofo propõe uma reflexão sobre a figura do mestre e sobre o sentido do aprendizado como experiência de transformação do sujeito. Ao retomar o exemplo de Schopenhauer, Nietzsche identifica nele um modelo de pensador independente, alguém que vive e escreve em fidelidade a si mesmo, sem submeter-se ao Estado, à Igreja ou à academia.

Em contraste com o historicismo e o hegelianismo predominantes em sua época, Nietzsche afirma que o verdadeiro sentido da cultura não se encontra na história coletiva, mas na ação criadora de indivíduos singulares. “O verdadeiro destino humano”, escreve ele, “se manifesta naqueles que têm a coragem de pensar por si mesmos e de se tornar aquilo que são”. Essa ideia constitui o núcleo do que chama de educação do espírito livre: um processo de libertação e autossuperação.

Schopenhauer surge, assim, como modelo de educador que dialoga com o espírito, e não com as estruturas ou sistemas.

Schopenhauer, ao contrário, fala para si mesmo: ou caso se queira realmente supor para ele um ouvinte, que se pense num filho instruído por seu pai. Este é um discurso correto, rude e benevolente diante de um ouvinte que escuta com amor. Carecemos destes escritores. (NIETZSCHE, 2023, p. 172)

Nesse modelo, a relação entre mestre e discípulo não é de autoridade hierárquica, mas de inspiração e partilha de experiências. A educação é compreendida como um diálogo vivo, no qual o educador desperta no aprendiz a vontade de conhecer e de se elevar. Nietzsche transforma, assim, a pedagogia em prática ética e estética cujo objetivo é conduzir o indivíduo à criação de si mesmo.

Em suas palavras, educar significa colocar o sujeito em contato com forças formadoras que transcendem a instrução técnica: trata-se de compreender a vida por meio de experiências espirituais e afetivas intensas, pois “as representações fantasmáticas somente são comunicadas pela energia das personalidades” (NIETZSCHE, 2023, p. 262). O verdadeiro mestre não transmite conteúdos, mas provoca, instiga e convida o outro à autotransformação. A educação é vista como tarefa vital, processo contínuo de afirmação do ser e cultivo da força interior.

## ASSOCIAÇÕES ENTRE DO LER E ESCREVER E OS ESCRITOS SOBRE EDUCAÇÃO

A leitura conjunta dos *Escritos sobre Educação* e do trecho *Do ler e escrever*, em *Assim Falou Zaratustra*, permite compreender a amplitude do pensamento educacional de Nietzsche. Embora pertençam a fases distintas de sua obra, ambos os textos convergem em torno de uma mesma questão: como formar o ser humano capaz de criar valores e afirmar a vida?

Em *Zaratustra*, o filósofo desloca a questão pedagógica para o campo simbólico da linguagem. Ler e escrever tornam-se metáforas do próprio processo de formação. “De todos os escritos amo apenas o que se escreve com seu sangue” (NIETZSCHE, 2020, p. 54), afirma ele, indicando que o verdadeiro conhecimento nasce da experiência vivida, do risco e da intensidade do existir. A escrita com sangue é, aqui, a expressão de uma pedagogia da autenticidade: aprender não é acumular saberes, mas transformar-se no processo.

De acordo com Nietzsche, o maior erro da educação moderna é formar leitores e não criadores. A escola ensina a consumir textos, mas não a produzir pensamento. Contra essa passividade, ele propõe uma pedagogia do espírito forte, capaz de gerar novas perspectivas e de afirmar o poder criador da vida. “Quem escreve com sangue e máximas”, diz Nietzsche, “não quer ser lido, mas aprendido de cor” (NIETZSCHE, 2020, p. 54). Aprender de cor, nesse contexto, é assimilar o saber com o corpo, com a vida – não como informação, mas como experiência existencial.

A metáfora da montanha, presente em *Zaratustra*, sintetiza essa ideia de elevação e superação: “Quem ascende às montanhas mais altas, este ri de todas as tragédias” (NIETZSCHE, 2020, p. 55). O riso, símbolo da leveza trágica, marca a conquista do espírito livre, aquele que pode afirmar a vida mesmo em sua dor. Para Nietzsche, essa capacidade de rir, criar e superar é o ápice da educação: um estado de formação que ultrapassa os limites do ensino e se torna arte de viver.

Portanto, a associação entre os textos revela uma pedagogia da autossuperação. A educação, em Nietzsche, é um exercício estético e ético, voltado à libertação da alma das amarras da moral e da mediocridade. O verdadeiro educador é aquele que desperta no outro o desejo de criar, e o verdadeiro discípulo é aquele que transforma o que aprende em potência de vida. Assim, o ato de educar é, em última instância, um ato de coragem: o de ensinar a humanidade a rir, a criar e a tornar-se o que é.

Assim, a verdadeira educação não se contenta com a mera instrução ou adaptação; ela é, em última instância, um processo de autossuperação que prepara os indivíduos para enfrentar a vida de forma plena, criativa e transformadora. A busca pelo super-homem, pela elevação do espírito humano, está profundamente ligada à capacidade de rir das tragédias da vida e de se elevar acima da mediocridade.

Em vista dessas reflexões, torna-se evidente que a crítica nietzschiana à cultura e à educação não se limita a um diagnóstico histórico, mas configura um método de pensamento, um modo de interrogar o próprio sentido da formação humana. Os escritos analisados, ao mesmo tempo em que expõem os limites do ensino moderno, oferecem também um caminho de reconfiguração ética e estética do ato educativo. É nesse horizonte que o presente estudo se insere, propondo-se a compreender de que modo as concepções filosóficas de Nietzsche sobre educação, cultura e autossuperação podem iluminar os desafios contemporâneos do campo educacional.

## METODOLOGIA

A metodologia adotada é de natureza qualitativa e bibliográfica, sustentada por uma abordagem hermenêutica e interpretativa. O estudo parte da leitura crítica de duas obras centrais de Friedrich Nietzsche, *Escritos sobre Educação* (2023) e *Assim Falou Zaratustra* (2020), nas quais o filósofo desenvolve uma reflexão profunda sobre o papel da cultura, da arte e da filosofia na formação humana.

A opção por essa abordagem fundamenta-se na compreensão de que o pensamento nietzschiano não deve ser tratado como um sistema conceitual fechado, mas como um exercício de pensamento vivo, que interpela o presente e a maneira como concebemos os processos educativos. A hermenêutica filosófica, nesse sentido, permite não apenas interpretar os textos, mas problematizar suas ressonâncias na atualidade, evidenciando seus efeitos éticos, estéticos e políticos.

O percurso metodológico desenvolveu-se em três etapas principais: primeiro, a contextualização histórica e conceitual das obras de Nietzsche relacionadas à educação; depois, a identificação das principais categorias analíticas, cultura, formação, educador, autossuperação e criação, com atenção à forma como se articulam nos textos; e, por fim, a construção de uma leitura interpretativa que relaciona as concepções nietzschianas aos desafios contemporâneos da prática educativa.

A análise foi guiada por uma leitura atenta e sensível do texto filosófico, entendendo-o como um campo de tensões e possibilidades formativas, e não como um conjunto de respostas. Assim, esta metodologia alinha-se à perspectiva de que pesquisar é também um ato formativo, um modo de pensar com o filósofo e não apenas sobre ele.

Tal abordagem se justifica porque a crítica nietzschiana à educação moderna oferece instrumentos potentes para analisar fenômenos atuais, como a tecnocracia educacional, a hegemonia da performatividade e a crise do sentido formativo nas instituições escolares contemporâneas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa evidenciam que o pensamento de Nietzsche sobre educação e cultura permanece atual e provocador, especialmente por propor uma ruptura com o modelo tradicional de ensino. É importante destacar que tais resultados não possuem caráter empírico, mas emergem de uma análise interpretativa e hermenêutica das obras do filósofo, buscando compreender suas contribuições à luz dos desafios

educacionais contemporâneos. Sua crítica à educação moderna, voltada para a utilidade e para o adestramento técnico, revela um alerta que continua a ecoar no século XXI: a perda da dimensão ética, estética e criadora do ato de educar.

A análise de *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino* mostra que Nietzsche antecipa uma das grandes tensões contemporâneas, o conflito entre quantidade e qualidade na educação. Ao denunciar a “barbárie cultivada”, ele evidencia o perigo de uma cultura voltada à produtividade e ao mercado, em que o saber é medido por sua aplicabilidade e não por sua capacidade de transformar o ser humano. Essa crítica se estende à especialização científica, que, segundo o filósofo, conduz à fragmentação do conhecimento e à perda do sentido da totalidade.

A *III Intempestiva: Schopenhauer como Educador* amplia essa reflexão ao propor a figura do educador-filósofo como mediador do cultivo de si. Para Nietzsche, o verdadeiro mestre é aquele que inspira o aluno a tornar-se quem é, despertando nele a coragem de criar e de afirmar a própria existência. A educação, nesse sentido, é menos um processo de transmissão e mais um encontro transformador entre almas que buscam a verdade e a beleza. O educador autêntico não oferece respostas, mas provoca inquietações. Ele conduz o aluno à experiência da dúvida e da invenção, e o faz por meio do exemplo, do modo como vive e pensa.

A análise de *Do ler e escrever*, por sua vez, reforça o vínculo entre educação e criação. Quando Nietzsche afirma que “de todos os escritos amo apenas o que se escreve com sangue”, ele propõe uma pedagogia da intensidade, em que o conhecimento nasce da experiência vivida e da coragem de se expressar com autenticidade. A escrita, nesse contexto, torna-se metáfora da formação: aprender é deixar que o conhecimento atravesse o corpo e transforme o sujeito.

Essas reflexões apontam para a necessidade de repensar a prática educativa contemporânea, frequentemente orientada por avaliações, metas e padronizações, em direção a um ensino que recupere o valor da experiência e da singularidade. A partir de Nietzsche, compreende-se que

educar é possibilitar o surgimento do novo, do inédito, do imprevisível, e não apenas reproduzir modelos já estabelecidos.

O diálogo entre os escritos de Nietzsche e o cenário atual permite identificar uma urgência comum: a de reconectar o ensino ao sentido de formação humana. Sua crítica à massificação e à obediência cega denuncia a tendência das instituições de limitar o pensamento e neutralizar a diferença. Ao contrário, o filósofo defende uma educação que seja movimento, criação e risco, um campo em que o conhecimento se confunde com o próprio ato de viver.

Assim, os resultados desta pesquisa indicam que a pedagogia nietzschiana pode ser compreendida como uma filosofia da emancipação. Ela convida a educação a recuperar sua dimensão ética (no cuidado de si e do outro), estética (na experiência do belo e da criação) e política (na resistência às formas de domesticação e controle). Pensar a educação com Nietzsche é, portanto, afirmar a vida como potência formadora, um gesto de insubmissão diante da repetição e de abertura para o que ainda pode vir a ser.

Diante das reflexões apresentadas, é possível afirmar que o pensamento de Nietzsche permanece um instrumento crítico para repensar as práticas educativas e os sentidos da formação. As análises realizadas evidenciam que muitos dos impasses identificados pelo filósofo no século XIX ainda se fazem presentes em nossas instituições de ensino, o que torna urgente um olhar renovado sobre a educação contemporânea. É nesse horizonte que se inscrevem as considerações finais a seguir.

## **EDUCAÇÃO, PERFORMATIVIDADE E A FORMAÇÃO DOCENTE NA CONTEMPORANEIDADE**

O diagnóstico nietzschiano sobre a formação intelectual ressoa intensamente na realidade educacional atual, marcada pela crescente ênfase em métricas, ranqueamentos e indicadores de desempenho. Hoje, muitas políticas públicas e práticas institucionais reforçam uma lógica utilitarista

e produtivista, em que a aprendizagem e a docência são frequentemente avaliadas por resultados imediatos, métricas rígidas e modelos homogenizantes. Quando a educação se transforma em uma corrida por números, metas e padronização, perde-se de vista sua dimensão mais profunda: a formação de sujeitos éticos, críticos e criadores.

Nessa dinâmica, o valor do trabalho educativo tende a ser reduzido à eficiência, à produtividade e ao cumprimento de protocolos, o que restringe o espaço para experiências formativas sensíveis, reflexivas e inventivas. Diante desse cenário, o professor se vê atravessado por pressões burocráticas e exigências técnicas que ecoam a crítica nietzschiana à domesticação do espírito: forma-se para atender a demandas externas, e não para cultivar pensamento, sensibilidade e potência criadora.

Assim, visitar Nietzsche não é exercício arqueológico, mas gesto insurgente, uma convocação para lembrar que educar é cultivar vida, autonomia, força interior e possibilidade de criação, e não apenas responder a interesses institucionais ou mercadológicos.

*“Não há educação verdadeira sem risco, sem ruído, sem ruptura.” (Paráfrase inspirada no espírito nietzschiano)<sup>3</sup>*

Essa perspectiva nietzschiana ecoa também em abordagens educativas contemporâneas que defendem a autonomia do pensamento, a experiência estética e a formação como processo de invenção de si. Nesse sentido, pensar a educação para além da mera transmissão de conteúdo é recuperar sua potência criadora e sua força ética, tarefa que ainda se apresenta como desafio em nossas instituições escolares.

---

3 Esta frase não corresponde a uma citação literal de Nietzsche, constituindo-se como uma paráfrase autoral inspirada em seu pensamento. A formulação busca sintetizar elementos recorrentes de sua filosofia, especialmente a defesa da formação como processo de risco, ruptura e criação de novos valores, em oposição à conformidade e à domesticação do espírito. Tal perspectiva pode ser reconhecida em obras como *Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino*, onde critica a massificação do ensino e a submissão da cultura às forças utilitaristas, e em *Assim Falou Zaratustra*, ao afirmar a necessidade de autossuapeção e de afirmação da vida como potência criadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como assinala Paulo Freire, nenhuma prática educativa é neutra: toda educação implica um projeto de formação humana e uma concepção de mundo. A crítica que Nietzsche faz à educação de sua época ressoa intensamente no universo educacional contemporâneo. Estudiosos, pedagogos e educadores que buscam estabelecer um ensino transformador, interdisciplinar e conectado à realidade dos estudantes ainda se veem presos a um modelo burocrático, no qual a transmissão de conteúdos fixos permanece como eixo central. Assim, muitas vezes, o que deveria ser prioridade, o desenvolvimento crítico e reflexivo do estudante, bem como seus aspectos emocionais e sociais enquanto sujeito em formação, é relegado a segundo plano.

Os obstáculos são inúmeros e tornam essa transformação árdua. Estamos ensinando no século XXI, mas somos fruto de uma formação do século XX. O desejo de fazer diferente pode ser latente, porém exige um trabalho interno para nos desprendermos dos vínculos afetivos e estruturais com uma educação tradicional que ainda habita nossas práticas. Não basta querer renovar a educação se continuamos presos aos paradigmas que nos moldaram.

Freire nos lembra que uma educação que não emancipa não liberta. O sonho do oprimido pode ser o de tornar-se opressor, e, assim, perpetuamos equívocos ao permanecer enraizados em um passado que insiste em não passar. Nosso sistema educacional, marcado por processos burocráticos, imposições curriculares, avaliações e fechamentos bimestrais, salas superlotadas e estudantes que demandam diferentes acompanhamentos, psicológico, pedagógico, social, coloca o professor diante de desafios diários com dezenas de alunos. Vivemos uma realidade em que não somos assistidos como deveríamos.

Há gestões despreparadas, docentes que necessitam de formação continuada, tempo insuficiente para planejamento, falta de valorização e o enfrentamento constante de contextos familiares fragilizados.

Muitas famílias, por não conseguirem lidar consigo mesmas, tampouco conseguem oferecer o cuidado necessário às crianças, delegando essa responsabilidade à escola ou desistindo quando os filhos se tornam maiores. Vivemos os efeitos de um sistema capitalista que sufoca a vida, romantiza o excesso de trabalho, exige produtividade contínua e sacrifica saúde mental, tempo com a família, convivência e o simples ato de contemplar a vida.

Somos fruto de um sistema que não valoriza a reflexão crítica, que retira a filosofia do currículo quando lhe convém, que hierarquiza saberes e reproduz discursos que desprestigiam as humanidades. Recentemente, testemunhamos um governo que defendia a escola como mera formação de mão de obra, ampliando disciplinas utilitaristas em detrimento da reflexão, da crítica e da sensibilidade estética. A filosofia, as artes e demais campos que convidam à emancipação intelectual e cultural são frequentemente minados por lideranças que não desejam uma população que pense, conteste e crie. Essa educação emancipadora não é prioridade do Estado, e nisso nos aproximamos, de certo modo, da crítica nietzschiana ao empobrecimento cultural, embora em um cenário distinto daquele que ele descreveu.

Estado, mercado e religião constituem hoje um ethos que exalta a educação tecnicista e utilitária, sem compromisso com a formação crítica. Somos pressionados por esse ethos e nos perguntamos: temos, de fato, sujeitos suficientemente livres para colocar em prática o ideal nietzschiano de formação elevada? A maturidade cronológica nem sempre corresponde à maturidade espiritual; há quem domine teorias, mas não as traduza em prática. Questões sociais, emocionais e subjetivas atravessam esse processo. Muitos fazem o melhor que podem; outros, apenas o possível para sobreviver e pagar as contas. Diversas trajetórias se cruzam no mesmo objetivo: ensinar.

Diante de tantas problemáticas, e de tantas outras que aqui não cabem, a filosofia de Nietzsche nos convoca a subverter essa estrutura educacional paralisante, que não liberta e que, paradoxalmente, alimenta

a aceleração social que nos adoece. Mais do que transmitir conteúdos, precisamos cultivar o cuidado de si, ampliar o horizonte do autoconhecimento e reconhecer sua potência na superação das dificuldades. Precisamos dialogar, resistir às amarras sociais, rir das adversidades, dançar contra a moralidade, e encontrar coragem para transfigurar a existência.

É urgente nos reconhecermos como espíritos livres, criativos, dotados de força e potência transformadora, capazes de romper com um sistema que nos sufoca. Reconhecer essa urgência é apenas o início: cabe a nós, educadores, pesquisadores e sujeitos em formação contínua, transformar consciência em prática viva, reinventando modos de ensinar, aprender e existir. Que possamos cultivar espaços de criação, de coragem e de pensamento e fazer da escola, como desejava Nietzsche, um território onde a vida se afirma, o espírito se eleva e cada sujeito pode tornar-se aquilo que é.

## REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, FRIEDRICH. Escritos sobre a educação. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 7. Ed – Rio de Janeiro: PUC Rio; São Paulo: Ed. **Loyola**, 2023.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução, introdução e notas de Saulo Krieger. São Paulo: **Edipro**, 2020.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. *Schopenhauer como educador*. In: *Considerações Extemporâneas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2003.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2000.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia do oprimido*. 74. ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2022.

HADOT, PIERRE. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: **Loyola**, 1999.

FOUCAULT, MICHEL. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: **Martins Fontes**, 2004.

VATTIMO, GIANNI. *O fim da modernidade*. São Paulo: **Martins Fontes**, 1996

DELEUZE, GILLES. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: **Editora 34**, 2020.